Era como se eu tivesse encontrado algo muito macio, muito quente e muito redondo.

Era assim que eu descreveria a mistura agradável de emoções que senti quando vi a Hino pela primeira vez.

"Hino Akira."

Na época da pré-escola, éramos praticamente do mesmo tamanho. Na verdade, eu até achava que ela era maior do que eu. O penteado dela era longo e dividido ao meio, do mesmo jeitinho de hoje.

"Akira? Você é um menino?"

"Não."

Minha pergunta sincera foi rebatida de imediato. A resposta veio tão rápido que me fez pensar se ela já não estava acostumada a ouvir isso. Seja como for, agora era a minha vez de me apresentar.

"Nagafuji Taeko", falei da forma mais amigável que consegui. Mais uma vez, Hino reagiu na hora.

"Não me imita."

"Não tô imitando."

Eu só estava usando ela como referência. Aparentemente insatisfeita com a minha resposta, Hino me deu um tapa, e eu retruquei com outro. Não demorou para a professora intervir e nos separar. *Wheeeh*. Tinha algo naquela sensação de ser erguida e carregada que eu achava meio divertido, por algum motivo. *Me mover sem precisar andar. Devia ser isso.*

Ali, eu já começava a desenvolver uma personalidade preguiçosa.

E aquela estava longe de ser a última vez que levei uma bronca. Na hora, eu geralmente não entendia o que tinha feito de errado, mas depois, olhando pra trás, a maioria das situações fazia sentido. Basicamente, eu parecia prestar só um pouquinho menos de atenção no que os outros diziam, em comparação com as outras crianças. Isso era algo que me apontavam repetidas vezes, até mesmo no ensino fundamental.

E ainda assim, toda vez que eu tocava no assunto com a Hino, ela sempre negava.

Ficava me perguntando o que aquilo significava de verdade.

Bom, seja como for, vamos deixar isso de lado por enquanto.

Voltei para a sala depois que a professora terminou de me dar uma bronca, apenas para descobrir que as outras crianças tinham ido brincar lá fora. A única pessoa que ainda estava lá dentro, além de mim, era a Hino, que também tinha levado uma bronca parecida. Eu poderia ter seguido os outros, mas por algum

motivo, senti que já era tarde demais para isso. *Será que a Hino sentia o mesmo? Hmm, não. Provavelmente não.*

Um pensamento me passou pela cabeça enquanto eu a observava por trás.

"Ei, Akira", chamei seu nome, fazendo com que ela se sobressaltasse levemente. Ela se virou rapidamente com uma expressão de irritação no rosto.

"O quê?"

"Tem um inseto em você."

"O quê!?"

Entrando em pânico, ela veio correndo de costas na minha direção.

A cada passo que ela dava, eu dava um para trás.

"Tira! Tira!"

"Ah, mas... eu não posso tocar em insetos..."

"Hã!?"

Meus pais tinham dito para eu nunca, jamais encostar num inseto. Por algum motivo, decidi que aquela seria a única vez em que eu seguiria esse ensinamento. Além disso, aquilo claramente era uma vespa. *Ia picar a gente.* Em um piscar de olhos, éramos duas entrando em pânico.

"Usa alguma coisa pra tirar ela! Rápido!", gritou Hino, apontando freneticamente para vários objetos por perto. Parecia que ela queria que eu usasse alguma ferramenta pra me livrar daquela coisa.

"Suas roupas não vão sujar se eu esmagar ela?"

"Err..."

Isso foi o bastante pra fazer a Hino parar de se mexer.

"É verdade. A mamãe e a Enome vão ficar muito bravas."

"Né?"

"Por que você fala como se fosse algo bom?"

Andando de lado como um caranguejo, Hino foi até um bloquinho de brinquedo no chão, pegou ele e voltou até mim com o bloco na mão. Em seguida, virou novamente as costas para mim.

"Consegue ver? Onde ela tá agora?"

"Espera aí... Aí está. Bem no meio. Ah, pera. Se mexeu."

"Onde ela tá!?", gritou Hino. Agora ela estava pulando para cima e para baixo, de um lado para o outro.

"Certo. Ela foi para a direita. Ah, mas... o que é 'direita' do seu ponto de vista?"

"Ah, esquece isso!"

Completamente de saco cheio naquele ponto, Hino decidiu agir e começou a bater nas próprias costas com o bloco. Embora tecnicamente não tenha acertado a vespa, a série de movimentos rápidos foi mais do que suficiente para fazer o inseto voar. Passei alguns segundos olhando pra ele girando no ar até que, de repente, a ficha caiu.

Seria uma boa ideia correr dessa vez.

"Hyaa", gritei o mais alto que pude enquanto saía correndo da sala, com Hino vindo logo atrás. A vespa parecia ter a mesma ideia. Passou voando por nós e, sem parar, sumiu no mundo vasto e aberto além da porta.

Depois de ter certeza de que a ameaça tinha ido embora, Hino me disse o seguinte:

"Você não ajudou em nada."

"É."

Ela não estava errada. Sem conseguir rebater a crítica, preferi apenas aceitá-la de cabeça erguida.

"Hmm. Ah, tanto faz", resmungou Hino enquanto se virava para mim, já de bom humor de novo. "Quer brincar?"

"Quero."

"Err... Tae, né?"

Hino não demorou muito para lembrar meu nome. Por algum motivo, isso me deixou muito feliz.

"Akki."

"Quem é esse?"

"É um apelido que eu inventei pra você agora mesmo."

"Para."

E então, tapas começaram de novo.

Foi assim que aconteceu, como nós duas acabamos tomando consciência da existência uma da outra.

***

"Quero ir na casa da Tae."

A pessoa que esperava a Hino do lado de fora do jardim de infância usava roupas tradicionais japonesas. E além disso, diferente da minha mãe, ela tinha

vindo dirigindo um carro. Enquanto a Hino conversava com ela, eu aproveitei para dar uma fuçada no veículo.

"Ei. Para com isso."

Minha mãe logo agarrou meu pulso e me puxou para perto dela. *Wheeeh*.

"Essa tal de Tae é uma colega da escola?"

"Hã? Você é amiga dessa menina?"

Por algum motivo que eu não entendia, minha mãe parecia bem surpresa.

"Com licença, só um instante."

Se afastando da gente, a senhora de roupa tradicional puxou o celular e começou a discar um número. Aproveitei a deixa pra olhar as costas da Hino.

"Tem algum inseto aí?"

"Nenhum."

"Oba."

Acabamos comemorando essa pequena vitória juntas. Pelo canto do olho, vi minha mãe sorrir em silêncio ao nos observar.

"Liguei pra mãe dela, e ela concordou. Posso pedir que cuide dela?"

"Ah, err..."

Terminada a ligação, a senhora de roupas tradicionais se dirigiu à minha mãe. Ela parecia sem saber como responder.

"Então, está tudo certo?"

"Sim. Agora, se puder, entre, por favor."

Hino obedeceu e entrou no carro. Com a porta ainda aberta, deixou um espaço no banco ao lado dela.

"Vai lá."

Dessa vez, foi para mim que a senhora fez sinal. Virei o rosto apra minha mãe e, só com os olhos, pedi uma confirmação.

"Acho melhor você ir também. Eu não sei o caminho até a sua casa, sabe", acrescentou a senhora antes que minha mãe pudesse dizer qualquer coisa.

"Ah, claro. Com licença, então."

"Vamos, vamos."

Com isso, mamãe acabou entrando no carro também. Ela fez isso de costas, com os olhos ainda voltados para os outros pais e filhos que estavam pelo

estacionamento. Estaria preocupada com o que os outros iriam pensar? Talvez. Já a senhora de roupas tradicionais, essa já estava sentada no banco do motorista.

"Por favor, me guie pelo caminho", disse ela para minha mãe depois de ligar o carro. Morávamos bem perto do jardim de infância e, por isso, até eu sabia voltar para casa. Vale dizer também que nossa família tinha carro. Só que a gente quase nunca usava.

"Você vai de carro pra creche, né, Akira?"

"Uhum."

"Queria fazer isso também."

"Sem chance, desculpa."

Minha sugestão foi recusada em menos de um segundo.

A família da Hino era bem diferente da minha, né?

Fiquei balançando os pés e pensando nessas coisas por alguns instantes, até o carro parar em frente à nossa casa.

"Mais tarde, venho buscá-la. Até lá, por favor, cuide bem dela."

"C-claro, claro."

Mais uma vez, dava para perceber uma leve hesitação na voz da mamãe. A senhora fez uma reverência muito educada para gente e, em seguida, entrou de volta no carro e foi embora.

Assim que o veículo virou a esquina e sumiu de vista, um suspiro extremamente pesado escapou da boca da mamãe. Parecia até que um peso tinha saído de seus ombros.

"A casa é meio apertadinha, mas fique à vontade."

"Tá bom."

Com essas palavras de incentivo, Hino correu para dentro de casa.

"Não ouviu o que ela disse? Nossa casa é pequena. Não precisa correr pra ver tudo de uma vez."

"Não foi por isso que eu corri."

Meu comentário me rendeu um tapinha leve na cabeça. Mas por quê? Aquelas palavras eram suas...

Ficando ali parada, pude ouvir mamãe resmungando baixinho pra si mesma.

“A menina da família Hino, hein? Eu só vi o bambuzal, e mesmo assim só de fora.”

Eu não entendi direito sobre o que ela estava falando.

“Sou Hino Akira.”

Entrei também, só pra ouvir o final da apresentação de Hino pro meu pai, que estava atrás do balcão. O homem a cumprimentou com um sorriso, como faria com qualquer cliente.

“Sou Naga-Naga Fuji-Fuji.”

“Para com isso. Isso aqui não é uma competição.”

Falando comigo, no entanto, ele soou quase irritado. Por quê? Por que ele reagiu de formas tão diferentes com nós duas?

“Então, você é amiga da Taeko, né?”

“Sou sim.”

Hino levantou a mão bem alto, e eu também levantei a minha. Quanto ao meu pai, ele sorriu para gente antes de, de repente, inclinar a cabeça para o lado.

“Espera... Você disse Hino?”

Assim como com a mamãe mais cedo, algo no nome de Hino pareceu pegá-lo de surpresa. Ele ficou tão confuso olhando para ela. Eu mesma também fiquei bem confusa.

O silêncio que caiu entre nós foi rapidamente quebrado pela voz da mamãe.

“A loja está aberta. Vão brincar lá atrás e fiquem por lá.”

“Tá, tá.”

Bem, tanto faz. Não era como se eu precisasse perder meu tempo pensando nisso. Ignorando o aviso habitual, entrei com a Hino ao meu lado.

Lá, Hino tirou o chapéu, colocou a mochila no chão e então se virou para mim com um sorriso no rosto.

“Sua casa cheira muito bem, Tae.”

“Esse é o cheiro de comida frita.”

Especificamente, o cheiro vinha dos croquetes e dos bifes à milanesa que estavam alinhados na vitrine perto do balcão. Tendo vivido minha vida inteira aqui, eu estava mais ou menos acostumada com isso, mas mesmo assim, ainda havia momentos em que meu nariz começava a coçar e minha boca a salivar.

“Nossa família tem um açougue.”

“Eu adoro carne.”

“Eba!”, nós duas gritamos ao mesmo tempo, com as mãos levantadas bem acima da cabeça. Fizemos isso sem pensar, sem nenhum significado mais profundo.

“E você, Akira? O que a sua família faz?”

“Hmm. Eu não sei muito bem.”

Desviando o olhar, a garota começou a pensar bastante sobre isso.

“O que poderia ser... Uma loja de chá, talvez? Uma loja de jardinagem?”

“Uma loja de jardinagem?”

“É. A gente tem um jardim bem grande.”

“Uau.”

Não pude deixar de ficar um pouco animada só de ouvir isso.

“Parece divertido. Quero visitar sua casa algum dia.”

“Claro. Da próxima vez, vamos lá.”

“Oba!”

Esse simples acordo verbal já me deu motivo suficiente para comemorar. Eu podia sentir minha mente se enchendo de todas as coisas divertidas que dava para fazer com um jardim grande.

Dito isso, uma parte de mim também sentia que, quando eu realmente fosse lá, provavelmente não iria lembrar de nenhuma dessas ideias.

Mesmo tão cedo na minha vida, não era nada incomum eu perder o interesse em um assunto de repente e pular para algo totalmente diferente.

Desta vez, aquele algo acabou sendo o rostinho pequeno na minha frente.

“Hmm? O que foi? Tenho um bicho no meu rosto?”

Hino deu um tapa no próprio nariz, só por precaução. Dizendo a ela que não havia nenhum bicho, fui lentamente diminuindo a distância entre nós.

“Eu estava só pensando em como você é fofa, Akira.”

“Hã?”

Essa era a essência do que eu sentia ao observá-la. Ao expressar esses sentimentos para Hino, ela também passou a me encarar.

Eu pisquei os olhos, e ela também piscou os dela.

“Você também é fofa, Tae.”

“Obrigada.”

Depois de nos elogiarmos, então pulamos e começamos a correr em círculos pela sala. Não havia muito espaço, mas mesmo assim, fiz o meu melhor para

aproveitá-lo com a Hino. Pensando bem, talvez tenha sido justamente com ela que eu aprendi o significado de amizade.

A felicidade daquele dia — que mesmo hoje ainda consigo lembrar — foi a Hino quem me proporcionou.

***

Cansadas de tanto brincar, nós duas decidimos deitar por um momento. Sem surpresa, isso resultou em nós adormecendo.

Acordei ao ver Hino dormindo bem na minha frente, seu corpinho pequeno envolto em um cobertor provavelmente colocado nela pela minha mãe. Meu corpo ainda estava sonolento e se recusava a funcionar direito, e por isso, passei os próximos momentos olhando para ela sem fazer nada. Foi então que percebi que algo estava estranho. Hino tinha dois cobertores. Um era dela, e o outro era meu. Verifiquei rapidamente, e de fato, eu não estava mais com nenhum cobertor. Ela devia ter puxado o meu enquanto eu dormia.

“Então, uma garota da família Hino, hein? O que alguém como ela tá fazendo aqui?”

Naquele momento, ouvi a voz do meu pai vindo do lado da loja. Ele estava conversando com minha mãe.

“Parece que ela é boa amiga da Taeko.”

“Desde o jardim de infância?”

“Sim.”

“Hã? Eu sempre pensei que crianças do tipo dela iam para academias particulares ou algo assim.”

"Talvez exista em algum lugar, mas certamente não por aqui."

Parecia que eles estavam falando sobre a Hino. E sobre mim. Meu nome também apareceu na conversa. Dito isso, eu não tinha muita certeza do que tudo aquilo queria dizer.

"Ela é uma garota, e a nossa também é. Hmm… Que pena."

"Como é?"

"Bem, se a Taeko fosse um menino e, portanto, pudesse entrar na família dela por casamento, isso seria uma baita vantagem pra gente. Pense só. Nunca mais precisaríamos nos preocupar com dinheiro."

"Tá falando sério...?"

"Hahaha. Brincadeira, brincadeira. Mas, ainda assim, não posso deixar de perguntar, tudo bem mesmo? Nossa casa é tão pequena. Eu sei que é ruim dizer isso, mas, no fim das contas, somos apenas vendedores de carne comuns."

"Isso não é algo com que crianças se preocupam."

"Hmm. Suponho que não..."

"Só fico feliz que a Taeko tenha feito uma amiga tão rápido. Você sabe como ela pode ser às vezes."

"Ah, sim. Não dá pra negar."

Eu estava começando a me sentir cansada de novo. Ao mesmo tempo, também sentia meu corpo tremendo. Tentei puxar o cobertor de volta, mas como a Hino se recusava a soltar, a única opção que me restou foi me encolher por baixo dele. Devagar, como se estivesse me empilhando por cima dela, foi isso que fiz. Era meio que engraçado sentir o tecido tocando meu rosto diretamente.

Enquanto o cobertor e as roupas dela estavam ambos enrolados ao redor do corpo dela, os dois cheiravam totalmente diferente.

As roupas tinham um cheiro como se uma lixa estivesse sendo esfregada no meu nariz.

Certamente, esse devia ser o cheiro da casa da Hino.

***

Acabei dormindo pela segunda vez depois disso. Dessa vez, foi a Mamãe quem veio nos acordar.

"A mulher de antes está aqui para levar você pra casa, Akira."

"Certo..."

Esfregando os olhos, Hino se levantou devagar. Um pequeno suspiro saiu da boca dela ao perceber que estávamos compartilhando o cobertor. Eu entendi que era a minha vez de me levantar também.

"Você vai pra casa agora?"

"Vou."

Com isso, ela colocou o chapéu na cabeça e passou as alças da mochila pelos ombros.

"A mamãe vai ficar preocupada se eu não aparecer."

"Isso seria ruim."

"E meu pai, e meus irmãos também."

Ela tinha irmãos? Perguntei isso para ela, e Hino assentiu com a cabeça.

"Eles são todos enormes."

"Uau."

Ela continuou dizendo algo sobre como não ia perder para eles. O que ela quis dizer com isso? Eu não tinha muita certeza.

Hino saiu, e do outro lado da porta, esperando por ela, eu pude ver a mesma pessoa vestindo um quimono simples que eu tinha visto mais cedo naquele dia.

"Obrigada por cuidar dela", a mulher agradeceu a mamãe, seguida de uma profunda reverência.

"Não, não. Não foi nada demais", ela respondeu, claramente sem saber o que deveria dizer.

Enquanto isso, eu tinha ido até o carro novamente e comecei a fuçar.

"Ei, ei."

Foi a mulher quem me parou dessa vez. Com certa facilidade, ela me pegou no colo e me levou para longe do carro, até onde a mamãe estava. Pela sua voz, a impressão que tive foi que ela não estava particularmente irritada.

"Peço desculpas."

"Está tudo bem."

Tentei fazer a mesma coisa de novo, mas dessa vez, a mamãe percebeu e agarrou meu pulso antes mesmo de eu dar o primeiro passo.

“Para alguém tão distraída, ela sabe mesmo ficar inquieta às vezes.”

“Até amanhã, Akira.”

Fiz o possível para acenar com a mão, mesmo com a mamãe me segurando, e Hino respondeu acenando de volta para mim pela janela do carro. A mulher então ligou o veículo e, logo, as duas se foram. Só restava o amontoado de prédios desgastados em volta. Tudo o que eu conseguia pensar enquanto estava ali era o quanto Hino parecia mais madura do que eu.

“Fico feliz que você tenha conseguido fazer uma amiga como ela”, disse a mamãe, ainda me segurando. Ela soava genuinamente feliz.

“É.”

“Hmm? O que esse sorriso quer dizer?”

Minha resposta me rendeu um beliscão nas bochechas.

Só quando entramos de volta que a mamãe me soltou. Lá, encontramos o papai.

“Aquele carro que veio buscá-la parecia muito caro”, ele riu, coçando a cabeça. O carro da Hino era caro? Humm, acho que fazia sentido. Ele era muito mais brilhante comparado aos outros carros. Essa era uma das razões pelas quais eu queria tanto tocar nele.

“A Akira disse que gostou da nossa casa.”

“Disse, é? Que surpresa.”

“Da próxima vez, eu quero ir na casa dela.”

“Hmm... Isso é permitido?”

Essa pergunta não era para mim, mas para a mamãe. Ela apenas deu de ombros.

“Por que não seria?”

“Bem, sabe como é. Essas pessoas são muito rígidas com etiqueta e essas coisas. Além disso, se ela derrubar um vaso caro ou algo assim, vai pesar no bolso do papai.”

“Ah, é. Agora que você mencionou, é um bom ponto...”

Mamãe e papai se viraram para me olhar ao mesmo tempo. O que era que se dizia nessas situações? Um segundo depois, eu já tinha descoberto.

“Confia em mim!”

“Eu adoraria, querida, mas...”

A voz da mamãe, enquanto falava com a bochecha encostada na vitrine, soava tão sem emoção, tão tranquila.

***

“Nós não temos vasos em exibição, não.”

“Não? Ah, que alívio.”

“Hahaha. Viva”, a mamãe riu, e em seguida me levantou bem alto no ar. Embora eu não entendesse muito bem por que ela estava comemorando, ver ela feliz me deixou feliz também, então decidi entrar na brincadeira.

“Mandou bem, vovô.”

“Quem?”

“O mestre quis assim. Disse que seria perigoso se quebrassem.”

“Perigoso mesmo. Para as finanças da nossa família, isso sim.”

A mamãe fez uma dancinha rápida e, antes que eu percebesse, eu também estava rodando com ela.

Mas, no momento seguinte, ela parou. A expressão congelou e os olhos se arregalaram.

“E quanto aos wall scrolls?”

“Nós temos alguns, sim”, a mulher respondeu, sorrindo.

“E eles são caros?”

“Alguns deles, sim.”

Ela continuou sorrindo. Eu não pude evitar de fazer o mesmo. Logo, só a mamãe não estava mais sorrindo.

Ela aproximou o rosto do meu, tão perto que senti que nossos narizes iam se tocar.

“Não toque nesses quadros de parede. Entendeu?” disse com um tom de voz excepcionalmente sério.

“Que quadros?”

“Puxa vida”, pude ouvir ela resmungar para si mesma enquanto se virava para olhar para outro lado. Lá, como se tivesse desistido de tentar, voltou sua atenção para a mulher.

“Você pode garantir que ela não faça nenhuma besteira?”

“Claro.”

E assim, fui passada da mamãe para outra mulher. Ela continuou me carregando para a parte de trás do carro. *Wheeeh.*

Essa conversa aconteceu em frente ao jardim de infância. Era, na verdade, o dia seguinte ao da visita da Hino à nossa casa.

Falando na Hino, ela já estava me esperando no banco de trás.

“Sua casa parece ser difícil de viver, hein, Akira.”

“Hã? Você acha isso?”

Ela continuou me encarando com os olhos bem abertos. Porém, quase um segundo depois, a expressão dela mudou, como se tivesse se lembrado de algo.

“Na verdade, você está certa. Meus pais são bem rígidos às vezes. Tipo, com os modos à mesa e essas coisas.”

“Ah, comigo é igual. Sempre me chamam a atenção por causa disso também.”

Acontecia várias vezes por semana de me mandarem prestar atenção na comida e não na TV. Do meu ponto de vista, a comida podia ser comida depois, enquanto um programa de TV precisava ser assistido na hora, então, você devia sempre priorizar o segundo. Porém, quando eu pedia a opinião da mamãe, ela simplesmente me dava um tapa na cabeça, e o assunto acabava ali.

“Então é igual pra você, Tae? Humm...”

“É.”

Assenti com a cabeça, e Hino respondeu com um sorriso. Por algum motivo, ela parecia quase aliviada.

Enquanto isso, a mulher com a roupa tradicional entrou no carro depois de terminar a conversa com a mamãe. Pelo visto, ela também seria responsável por me levar para casa mais tarde naquela noite. Olhei pela janela e vi a mamãe

com uma expressão ligeiramente triste. Será que ela também gostaria de conhecer a casa da Hino? Imagino que sim.

“Certo. Então vamos nessa.”

“Ok.”

Com isso, ela ligou o motor. O ronco do carro me fez lembrar de uma pergunta que eu já tinha na cabeça há um tempo.

“Você é a mãe da Akira?” perguntei à senhora pelo espaço entre os bancos.

Era essa a impressão que eu tinha desde ontem.

“Hã? Ah, não. Não sou.”

“Sério?”

Olhei questionando para a Hino, que apenas repetiu o que a senhora tinha dito.

“Não é. A Enome é nossa empregada.”

“Empregada?”

“Quer dizer que ela trabalha para nós e ajuda nas tarefas da casa.”

“Uau.”

Isso parecia bem útil. Mesmo assim, fiquei me perguntando. Será que a mãe também é empregada, já que ela sempre ajuda o papai? Mas, espera, se fosse esse o caso, será que essa senhora era mesmo a mãe da Hino? Toda essa situação era, sinceramente, bem confusa para mim.

“Uau! Os olhos da Tae estão girando.”

“É tudo tão complicado.”

“É mesmo?” a senhora me perguntou. Mesmo agora, a voz dela ainda soava muito suave.

“Por favor, venha nos ajudar a tocar a loja.”

“Se eu tiver a oportunidade, adoraria.”

Eu não tinha intenção nenhuma com meu pedido. Foi algo que simplesmente passou pela minha cabeça. E mesmo assim, apesar disso, a senhora não negou. Não pude deixar de sentir que ela era uma pessoa realmente boa só por causa disso. Eu costumava julgar as coisas apenas por fatores superficiais, e esse foi o caso aqui também.

Eu justificava isso dizendo para mim mesma que uma abordagem simples era mais fácil para a outra pessoa também, mas será que era mesmo?

Enquanto isso é algo que eu posso questionar hoje em dia, na época, esses pensamentos nem passavam pela minha cabeça.

Hino morava relativamente longe do jardim de infância. Nossas casas, por outro lado — como eu viria a descobrir depois — ficavam na verdade bem próximas, o que tornava fácil visitarmos uma à outra a pé quando fôssemos mais velhas para isso. Como você pode imaginar, essa revelação foi um verdadeiro choque para a minha versão mais jovem, cujo mundo até então era composto apenas pela pequena casa da nossa família e nada mais.

Foi naquele dia que eu, pela primeira vez na vida, experimentei o mundo real.

“Caramba. Isso aqui é enorme!”

A primeira coisa que meus olhos encontraram quando saí do carro foi o enorme jardim que a Hino tinha falado outro dia. Antes que eu percebesse, já estava correndo em círculos ao redor dele. A área de estacionamento, que por si só já era bastante grande, se integrava perfeitamente ao jardim, e além dos dois, havia uma mansão enorme. Nunca na minha vida eu tinha visto algo assim. Era como se eu tivesse chegado a um mundo totalmente diferente. Para reforçar essa sensação, o próprio ar parecia muito mais fresco e vibrante do que na cidade. Eu conseguia ouvir o som de um rio imaginário correndo em algum lugar ao longe. Depois disso, segui em direção à mansão, cuja frente era pavimentada com pequenas pedras circulares. Mesmo de sapato, elas eram muito agradáveis sob a sola dos meus pés.

Quantas cópias da nossa casa caberiam aqui? Era algo que eu tentava contar enquanto corria.

Depois de alguns momentos fazendo isso, finalmente parei e respirei fundo, enchendo os pulmões com o ar fresco.

Ali, aconteceu a coisa mais estranha: eu estava prestes a continuar correndo quando, de repente, o chão desapareceu sob meus pés. Não demorou para eu entender o que estava acontecendo. A senhora tinha me envolvido com os braços por trás e me levantado.

“Disseram para eu cuidar de você.”

“É mesmo. Disseram.”

Wheeeh. Assim, ela me carregou até a porta da frente. Hino já estava lá esperando por nós.

Do ponto de vista dela, isso provavelmente era algo bem comum, né?

A senhora não me soltou como eu esperava, mas escolheu me carregar até lá dentro. Será que ela achava que assim seria mais fácil? Foi essa a conclusão que tirei.

O hall de entrada em que chegamos era, sozinho, maior do que toda a sala principal da nossa casa. Não só isso, o armário de sapatos também era enorme. Quando você precisaria de tanto espaço para sapatos? Seja qual for a resposta, esses pensamentos foram rapidamente interrompidos quando outra pessoa, vestindo um traje tradicional parecido, mas diferente, chegou para nos cumprimentar.

Essa nova mulher parecia ter aproximadamente a mesma idade da empregada. O cabelo dela — preto como o vestido — estava preso em um coque atrás da cabeça, e de algum modo parecia um pouco pesado. Cada vez que ela movia os braços, um pedaço vermelho aparecia sorrateiro por dentro das mangas.

“Estou em casa, mãe”, disse Hino à mulher, inclinando a cabeça de forma muito educada.

“Bem-vinda de volta”, respondeu ela suavemente. Então, essa pessoa era a mãe da Hino, né? Com as saudações feitas, seus olhos então se voltaram da Hino para mim.

“Desculpe pela intromissão.”

Finalmente meus pés tocaram o chão quando a senhora que me carregava me soltou.

“Eu sou Naganagafujifuji Taetae!”

“Oh, minha nossa. Que nome comprido.”

Surpreendentemente, a mãe da Hino não soou nem um pouco incomodada com a forma como eu me apresentei. Parecia que ela me aceitava exatamente como eu era.

“Ouvi muitas coisas sobre você da Akira ontem à noite.”

“Eram todas coisas boas?”

“Naturalmente”, a mulher deu uma risadinha antes de fazer um rápido aceno para a senhora atrás de nós e acrescentar: “Vou deixar com você.”

Com isso, ela se virou e desapareceu para onde tinha vindo.

O que ela quis dizer com isso? O que estava deixando para ela? Não demorou muito para eu encontrar a resposta: era comigo. Ela estava falando sobre mim.

Mesmo aqui dentro do prédio, a influência da natureza ao redor ainda era forte. Não pude deixar de me envolver com aquilo ao tirar os sapatos.

O ar fresco, o cheiro das árvores. Ah, como era agradável.

Eu não conseguia acreditar que em algum momento eu não tivesse passado por um portal e chegado a um mundo totalmente diferente. Tudo aqui parecia tão diferente. Foi ali que, pela primeira vez na vida, me peguei pensando: *Hino era mesmo diferente, não era?*

Eu estava prestes a seguir a mãe da Hino para ver para onde ela tinha ido quando uma mão pousou no meu ombro e meu corpo foi virado com força. *Bem, certo. Vamos por esse caminho então.* Comecei a marchar com os braços e pernas esticados, e a Hino respondeu fazendo o mesmo.

Em algum lugar acima da minha cabeça, eu podia ouvir a senhora rindo baixinho.

Nossa próxima parada acabou sendo o quarto da Hino. Assim como o hall de entrada, ele também era bastante espaçoso, tanto que você poderia facilmente colocar toda a nossa sala de estar dentro dele. Tive a impressão de que não seria uma preocupação sair correndo com o perigo de bater as canelas no *kotatsu*.

Meu primeiro pensamento foi começar a pular no lugar. Por quê? Eu mesma não sabia direito. De qualquer forma, só consegui fazer isso por alguns momentos antes de uma mão ser colocada novamente no meu ombro, me forçando a sentar.

“Não acredito que você tem seu próprio quarto, Akira.”

“Hum? Você não tem um, Tae?”

“Não.”

Fiz questão de estufar o peito como se isso fosse algo para se orgulhar. Desconsiderando o quartinho pequeno no segundo andar que me disseram que seria limpo e entregue para mim no futuro, mas que ainda não estava em uso, nossa casa só tinha dois — ou três, dependendo de como você contasse — quartos no total, e mesmo esses eram minúsculos.

Hino realmente vinha para o jardim de infância de um mundo completamente diferente do meu.

“Bem, nesse caso, vamos dividir. Este pode ser seu quarto também, Tae”, sugeriu Hino com os braços abertos.

“Tudo bem mesmo?”

E assim, eu ganhei meu próprio cantinho nesse mundo novo. *Quão sortuda eu era, de verdade.* Aceitando a oferta da Hino, então voltei meu olhar para cima e observei o teto que se estendia bem alto sobre mim. Metade daquilo agora era meu. Eu podia sentir meu corpo tremendo.

Um mundo pertencente só a mim e à Hino.

Até uma parte de mim sentia que esse seria meu novo lugar para onde eu pudesse voltar.

Eu ainda tinha minha casa, sim, mas isso era diferente; enquanto aquela era onde eu morava fisicamente, esse seria onde minha alma pertencia.

“É.”

“Viva!”

Nós duas levantamos as mãos ao mesmo tempo e começamos a comemorar. Depois de alguns momentos assim, notei que a senhora ainda nos observava da porta. Ela tinha um sorriso bem peculiar no rosto. Parecia que estava feliz e ao mesmo tempo um pouco preocupada. Olhei para ela com um olhar questionador, e ela respondeu da seguinte forma:

“Olhando para vocês, é difícil acreditar que só se conheceram ontem. Vocês parecem tão próximas.”

Virei a cabeça para trás e, ao fazer isso, cruzei o olhar com o da Hino. Não pude deixar de pensar como ela era bonita. Assim como o ar ao redor da casa, seus olhos não tinham nenhuma impureza — nenhuma sujeira do mundo exterior.

“Pois é.”

“É.”

Não havia passado nem um dia desde que nos conhecemos.

E ainda assim, mesmo sabendo disso, era impossível negar que havia algo entre nós.

“Você está se sentindo nervosa?” a senhora me perguntou, aparentemente só para ver como eu responderia. *Nervosa? Não, não exatamente.* Eu respondi balançando a cabeça nesse sentido.

Os sentimentos que estavam surgindo dentro de mim eram muito mais, como dizer… *fofinhos*.

“Eu fico toda fofinha perto da Akira.”

“Fofinha?”

“Sim. Fofinha, fofinha.”

Eu sorri ao dizer isso. Embora não fosse uma explicação precisa, parecia ser suficiente para a senhora, e logo todos os sinais de preocupação desapareceram do rosto dela.

“Isso é uma coisa muito boa. Você deve valorizar esses sentimentos.”

Ela acompanhou essa frase com um sorriso um pouco mais complexo do que os anteriores. Quase parecia que ela estava refletindo sobre algo.

Quanto a o que era esse algo, levaria vários anos até eu conseguir ao menos começar a imaginar.

“Eu vou!” proclamei sem pensar muito. Como se me imitasse, Hino também levantou a mão. Então, uma pergunta que eu já queria fazer há um tempo apareceu na minha mente. “O que são ‘wall scrolls’?”

“E o que você faria se eu te contasse?”

“Hohoho.”

“Isso não vai dar.”

Minha tentativa de rir para escapar da situação me rendeu uma advertência severa.

“*Wheeeh.*”

“Eu não vou te carregar até lá, não.”

“*Wheeeh...*”

Acabei desistindo por conta própria. Depois de pensar um pouco, percebi algo e rapidamente virei meus olhos para Hino.

“E você, Akira? Sabe o que são wall scrolls?”

“Não.”

“Então, nesse caso, vamos encontrar um.”

“Sim, sim. Vamos fazer isso.”

Nós duas pulamos e começamos a correr pelo corredor. A senhora não estava muito atrás.

“Isso vai dar mais trabalho do que eu pensava, não vai?” ouvi ela murmurando. Quanto à Hino, ela ainda estava sorrindo.

“Normalmente eu fico entediada em casa, mas com você aqui, Tae, está tão empolgante.”

Olhando para o sorriso dela, senti como se tivesse encontrado algo macio, algo quente, algo redondo.

Esses sentimentos agradáveis seriam, a partir de então, o que eu sempre sentiria toda vez que olhasse para ela.

***

“Foi mais ou menos assim. Acho. Ou não foi?”

“Pelo seu histórico, eu apostaria que a memória com problema é a sua.”

“Hmm, sim. Isso também é um bom ponto.”

Sem querer discutir, escolhi me encolher de volta sob o *kotatsu*.